

Aos poucos a *classis aristocrática* cede lugar para comerciantes e pequenos artesãos e também para uma pequena classe de burocratas. Os enormes tentáculos do Império necessitavam de escolas que preparassem administradores, já que os soldados se preparavam (ou morriam) nas batalhas e nos quartéis (numerosos).

Pela primeira vez na história, o Estado se ocupa diretamente da educação, formando seus próprios quadros. Para vigiar as escolas, foram treinados os supervisores-professores, cujo regimento se parecia muito com o dos militares.

Direitos e deveres, eis o que ensinavam os romanos:

- direito do pai sobre os filhos (*pater potestas*);
- direito do marido sobre a esposa (*manus*);
- direito do senhor sobre os escravos (*potestas dominica*);
- direito de um homem livre sobre um outro que a lei lhe dava por contrato ou por condenação judiciária (*manus capere*);
- direito sobre a propriedade (*dominium*). Os deveres decorriam desses direitos.

A educação romana era *utilitária e militarista*, organizada pela disciplina e justiça. Começava pela fidelidade administrativa: educação para a pátria, paz só com vitórias e escravizado aos vencidos. Aos rebeldes, a pena capital.

No lar o pai, pela *pater potestas*, infligia aos filhos as obrigações do pai. Na escola, os castigos eram severos e os culpados eram açoitados com vara. Todas as cidades e regiões conquistadas eram submetidas aos mesmos hábitos e costumes, à mesma administração, apesar de serem consideradas “aliadas de Roma”.

Dessa forma, os romanos conseguiram conquistar um Império e conservá-lo por muitos anos. É o fenômeno chamado “romanização”, obra terminada pelo cristianismo.

CICERO:

A VIRTUDE ESTÁ NA AÇÃO

MARCO TULLIO CICERO (106-43 a.C.), orador e político romano, nasceu em Arpino, cidade do Lácio onde sua família tinha uma propriedade rural. Aos 10 anos foi enviado a Roma para completar sua educação. Aprendeu então literatura grega e latina, além de retórica, com os

melhores mestres da época. Tinha como mestres Múcio Cévoia, em Direto; Fedro, Diota e Filo, em filosofia. Aprofundou-se no conhecimento das leis e doutrinas filosóficas. Em 84 a.C., escreveu sua primeira obra, *De inventione*, onde apresentou sua teoria sobre a retórica.

Aos 25 anos de idade ingressou na vida forense. Em 75 a.C. Cicero foi nomeado questor da Sicília. Contra Verres, Cicero compôs seus famosos discursos, jamais pronunciados, reunidos sob o nome de *Verinas* (70 a.C.). Aproximou-se então do auge a vida política do orador, vendo crescer seu prestígio. Sua ambição era chegar ao consulado. Fez todo o possível para galgar os cargos políticos, conseguindo obtê-los um a um. Atinge o

consulado em 63 a.C.

Num momento de crise da República, Cicero entrou em desacordo com César e Públio Clódio, que mandava matar quem discordasse de seu poder. Cicero se afastou da vida pública.

Mais tarde, ao formar o segundo Triunvirato com Otávio e Lépidio, Cicero foi assassinado em Fómia. Sua cabeça e suas mãos ficaram expostas no Fórum.

A obra de Cicero compreende discursos, tratados filosóficos e retóricos, cartas e poemas. Não só pela extensão mas pela originalidade e variedade do auge a vida política do orador, vendo crescer seu prestígio. Sua ambição era chegar ao consulado.

Fez todo o possível para galgar os cargos políticos, conseguindo obtê-los um a um. Atinge o

NATUREZA E ESSÊNCIA DA HONESTIDADE

“Nada em nossa vida escapa ao dever”

Resolvi escrever agora para você, começando pelo que melhor convenha para sua idade e à minha paterna autoridade. Entre as coisas sérias e úteis tratadas pelos filósofos, não conheço nada mais extenso e cuidadoso do que regras e preceitos que nos transmitiram a propósito de deveres.

Negócios públicos ou privados, civis ou domésticos, ações particulares ou transacionais, nada em nossa vida escapa ao dever: observá-lo é honesto, negligenciá-lo, desonra. A pesquisa do dever é assunto comum dos filósofos. Como chamar-se filósofo quem não sabe expor doutrina sobre os deveres do homem? Há sistemas que, definindo o bem e o mal, desnaturalizam completamente a ideia de dever. Quem considera o soberano bem, independente da virtude, e que o baseia no interesse e não na honestidade, quem fica de acordo consigo mesmo, se a bondade de sua natureza não triunfa sobre seus princípios, não saberá praticar quer a amizade, quer a justiça, quer a caridade.

Que se separa de quem considera a dor o maior mal? Qual a temperança de quem considera a volúpia o bem supremo? Essas coisas são de tal clareza e não necessitam discussão, por isso não as tenho debatido.

Para não se desmentirem, muitas doutrinas nada dizem sobre deveres e delas não se deve esperar preceitos sólidos, invariáveis, conforme a natureza; só valem as que vêm na honestidade o único bem, ou como um bem preferível aos outros e procurado por si mesmo. (...)